

REJANE ROMANO

**A identidade negra feminina das integrantes de
escolas de samba**

CELACC/ECA-USP

2013

REJANE ROMANO

**A identidade negra feminina das integrantes de
escolas de samba**

Trabalho de Conclusão do
curso de Pós Graduação em
Mídia, Informação e Cultura,
da Universidade de São
Paulo. Trabalho
desenvolvido sob orientação
do Prof. Dr. Dennis Oliveira

CELACC/ECA-USP

2013

Agradecimentos

Em primeiro lugar a Deus,
por ter me feito negra
de pele e de consciência.

A minha mãe,
uma mulher excepcional,
que me orgulha,
dá forças e subsídios
para continuar lutando.

Ao meu filho, que me faz querer
sempre mais, nem que seja
apenas para servir-lhe de exemplo.

A minha irmã,
que não só me serve de exemplo,
mas também me impulsiona
a seguir em frente.

Ao meu marido,
pelo incentivo
em me fazer acreditar que era possível.

E ao meu orientador,
pela paciência e ensinamentos
a cada novo encontro.

A todos meu eterno agradecimento!

Resumo: Este artigo propõe analisar como a mulher negra constrói sua identidade sendo integrante das escolas de samba de São Paulo. A partir desta perspectiva, entender a motivação para integrarem estas escolas. Se é pelo apelo ancestral da cultura negra ou por questões adversas. Para tanto realizei uma pesquisa sobre o carnaval no Brasil desde o seus primórdios e a importância da presença feminina para preservação do carnaval na capital paulista. Além disso, o trabalho empírico demonstra como pensam integrantes de escolas tradicionais na cidade.

Palavras-chave: mulher, negra, samba, agremiações, carnaval

Abstract: The purpose of this article is to analyse how black women build their identity as members of the samba schools in São Paulo. From this perspective, understand their motivation to be part of these communities and if the appeal comes from ancestral black culture or from adverse issues. To reach this goal I made a research about Carnival in Brazil since its very beginning and about the importance of female's presence to preserve the tradition in the State's capital. Moreover, the empirical work demonstrates how members of traditional schools in the city think.

Key-words: woman, black, samba, associations, Carnival

Resumen: En este artículo se propone examinar cómo las mujeres negras construyen su identidad cómo miembros de las escuelas de samba de São Paulo. Desde esta perspectiva, comprender la motivación para integrar estas escuelas y si esto pasa por la apelación ancestral de la cultura negra o por cuestiones adversas. Para tanto investigué el carnaval en Brasil desde sus inicios y la importancia de la presencia de las mujeres para preservar la tradición en la capital del estado. Además, el trabajo empírico muestra cómo piensan los miembros de las escuelas tradicionales de la ciudad.

Palabras-clave: mujer, negra, samba, asociaciones, carnaval

SUMÁRIO

1	Introdução.....	6
2	A influência da cultura negra no carnaval das escolas de samba	8
	2.1Histórico sobre o Carnaval	8
	2.2Os negros e o carnaval no Brasil	9
	2.3As Escolas de Samba em São Paulo.....	11
3	A questão da identidade	13
	3.1Identidade Negra	13
	3.2Mulher Negra e Identidade.....	14
4	Elas por Elas – Trabalho de Campo.....	18
5	Considerações Finais	21
6	Referências Bibliográficas	23

Quando a igualdade não havia
A revolta foi a via contra a força da opressão
Uma voz se ergueu, outras mais então
Movimento que surgia, salve o povo da Bahia
Sei que a rebeldia que trago no peito
Tenho o direito de eternizar
O canto libertário que se espalha pelo ar
Lutar, acreditar, sonhar, ser mais Brasil
Criar a pátria amada mãe gentil

**Samba Enredo "Da Revolta dos Búzios à atualidade,
Nenê canta a igualdade" Nenê de Vila Matilde, 2013**

A identidade negra feminina das integrantes de escolas de samba

Rejane Romano¹

1. Introdução

Desde o momento que comecei a me preparar para desenvolver este artigo científico soube que meu campo de pesquisa seria em relação ao envolvimento das mulheres negras com as escolas de samba.

Compreender as expectativas, medos, sonhos, privações, bem como os significados que atribuem em torno do ser mulher, negra, trabalhadora, integrante e artista do carnaval no contexto cultural.

Talvez pela minha própria história de envolvimento com o carnaval. Hoje sou presidente de um Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Filhos do Zaire², cujo foco é resgatar a cultura negra neste mundo da fantasia que tem o poder de disseminar a história e o protagonismo negro.

¹ Jornalista graduada pela Universidade de Santo Amaro em 2001 e pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC/ECA – USP

² G.R.C.E.S Filhos do Zaire é uma agremiação em fase de implementação na zona leste de São Paulo, mas especificamente no bairro de Ermelino Matarazzo.

Ao contrário de minhas entrevistadas meu contato não se deu através da tradição familiar, mas sim pelo meu entendimento como mulher e negra na ânsia por resguardar a história de meu povo.

Independente da motivação que nos atrai e apesar das mudanças deteriorantes que as agremiações têm passado são as mulheres as baluartes do samba paulista.

Trabalhar também a questão do samba paulistano foi ímpar. Quando se fala em mulheres negras no carnaval, logo se vem a mente grandes personalidades como a Tia Ciata, do Rio de Janeiro. Em São Paulo, há as escolas de destaque, como a Vai-Vai e suas representantes. Falar então de escolas da zona leste da capital, uma tradicional, mas que vem passando por altos e baixos e outra que acabou de ascender para o grupo especial foi uma escolha proposital.

Senti a necessidade de avaliar este contexto a fim de produzir novos olhares. Analisar as mulheres comuns que de forma intencionada ou mesmo ao acaso vêm contribuindo de forma significativa com a preservação da cultura negra. Como bem esclarece Edson Roberto de Jesus em sua dissertação de mestrado.

A luta incessante da população negra contra o racismo, o preconceito e a discriminação da qual era vítima, visando sua inserção e integração social, foi marcada, no transcorrer da história, por inúmeras iniciativas voltadas à sua organização e mobilização. Apesar de segregados por uma sociedade que insistia, e insiste, em não reconhecer essa população como coparticipante do processo de construção dessa sociedade (JESUS, 2010, p. 6).

As iniciativas voltadas a mobilização dos negros desde o período pós abolição são as atitudes que têm culminado nas conquistas atuais. Tenham acontecido estas através da cultura e da educação entre outras.

Todo mundo quer sambar
 Se enroscar na serpentina
 Olha pra mim abre o teu sorriso
 É carnaval sou rei do riso
 Vou gargalhar, quero alegria
 Lavar a alma com o som da bateria

Samba Enredo “O Que É Bom

Dura Pra Sempre”, Gaviões da Fiel, 1995

2. A influência da cultura negra no carnaval das escolas de samba

2.1 Histórico sobre o Carnaval

Dentre o mais inúmeros e divergentes conceitos sobre o que é o carnaval prefere-se pensar sobre este assunto sob a ótica de que se trata de “uma convenção na qual tanto integrantes da elite, quanto das camadas populares concordam que os dias antes da Quaresma são o tempo da comemoração” (FERREIRA, 2004, p.69).

Acredita-se que a primeira festa de Carnaval ocorrida no Brasil data de 1593. Leonardo Dantas Silva relata em sua introdução à *Antropologia do Carnaval do Recife*, que seguindo o exemplo da pátria mãe, o Entrudo - divertimento carnavalesco do colonizador português-, foi reproduzido na colônia, em 10 de novembro, acompanhando a tradição religiosa. Já no século XVII há relatos que indicam que os lavradores rurais dirigiam-se as vilas para participarem das diversões dos “dias gordos”.

Dentre estas brincadeiras estavam as “guerrinhas” familiares envolvendo qualquer tipo de líquidos e farinhas. O primeiro contato dos negros com este tipo de festa carnavalesca foi como alvo fácil das brincadeiras de seus donos e senhores. No relato do francês Louis-François Tollenare que vivenciou as brincadeiras do carnaval no Brasil ele destacou como os negros escravos eram tratados. “O que se passa nas ruas entre os escravos e a baixa plebe é ainda mais violento. Depois das laranjadas veem as garrafadas, as imundices e as cacetadas” (FERREIRA, 2004, p. 88).

Para as mulheres negras a fase do Entrudo não representava um período de alegria, tão pouco de diversão, mas sim de acréscimo de trabalho (na produção das “bombas” utilizadas nas brincadeiras de seus senhores), além de ser alvo também para o homem negro.

De 1870 a 1930, observa-se a necessidade das camadas superiores, enriquecidas pela cultura cafeeira, de se diferenciar e se distanciar das camadas populares, expulsando o carnaval das ruas do centro das cidades. Desta forma surgiu a divisão de classes no carnaval e as camadas populares negras e brancas (constituída, sobretudo, por imigrantes), criaram os blocos, os cordões e os ranchos.

A partir de 1930, os moldes do carnaval tomaram a forma que persiste até os dias atuais, como uma homogeneidade cultural das atividades carnavalescas. Recebendo inclusive críticas severas quanto a transformação de um fato cultural popular em mercadoria pelos meios de comunicação e pelo poder público.

De acordo com Olga Rodrigues de Moraes von Simson, a partir de depoimentos orais coletados com negros e brancos, “para os negros o carnaval representa uma possibilidade de notoriedade social conquistada por sua geração e usufruída contemporaneamente por seus filhos e netos” (SIMSON, 2007, p.31).

2.2 Os negros e o carnaval no Brasil

A matriz africana que deu origem ao carnaval refere-se principalmente às características rítmico-musicais e coreográficas do samba negro.

Muniz Sodré apresenta uma ideia do processo de transformação pelo qual passou o samba, desde suas origens escravas até sua transfiguração para subsistir em novas situações sociais e históricas.

O encontrão, dado geralmente com o umbigo (semba em dialeto angolano), mas também com a perna, serviria para caracterizar esse rito de dança e batuque, e mais tarde dar-lhe o nome genérico: samba. Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano [...] A criouliização ou mestiçamento dos costumes tornou menos ostensivos os batuques, obrigando os negros a novas táticas de preservação e de continuidade de suas manifestações culturais. Os batuques modificavam-se, ora para se incorporarem às festas populares de origem branca, ora para se adaptarem à vida urbana. As músicas e danças africanas transformavam-se, perdendo alguns elementos e adquirindo outros, em função do ambiente social. Deste modo, desde a segunda metade do século XIX, começaram a aparecer no Rio de Janeiro, sede da Corte Imperial, os traços e uma música urbana brasileira – a modinha, o maxixe, o lundu, o samba. Apesar de suas características mestiças (misto de influências africanas e européias), essa música fermentava-se realmente no seio da população negra, especialmente depois da Abolição, quando os negros passaram a buscar novos modos de comunicação adaptáveis a um quadro urbano hostil (SODRÉ, 1979, p. 12).

O samba teve origem nas manifestações musicais dos negros africanos que vieram para o Brasil como escravos. Cada etnia africana trouxe uma bagagem cultural e musical, que aqui passaram a conviver e a dialogar. O termo samba, conforme descrito no trecho acima, inicialmente designava qualquer das manifestações musicais dos negros, originalmente sendo chamado de semba.

O carnaval é hoje uma das principais festas do Brasil. Mas em princípio foi um espaço de luta do povo negro brasileiro, tendo sido marginalizados e perseguido.

O Samba Paulista surgiu como uma das formas de afirmação da identidade. Conflitando com ideais das elites dominantes. Uma forma de suplantar a desqualificação cultural da população negra e de resistência ao ideário escravista que via o negro apenas como uma “máquina produtiva”.

Em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, a sambista e deputada estadual Leci Brandão³ falou sobre o histórico da presença negra no carnaval.

Sempre vale a pena lembrar que as escolas de samba foram criadas por comunidades negras e pobres. Eram espaços de ressignificação do mundo, diante da realidade de preconceito, racismo e exclusão vivida no cotidiano. Durante muito tempo, o Carnaval feito por essas pessoas permaneceu à margem dos espaços de poder. Mas, como tudo que é legítimo, ganhou força e só aí passou a ser pauta da mídia, se tornando interessante para o mercado e para os patrocinadores (BRANDÃO, 2013).

Durante a escravidão, os negros tiveram qualquer traço de sua cultura suplantados e houve a tentativa de apagar o escravo como ser humano. Este vivia à margem de todo curso de acontecimentos, e nos espaços recônditos, mais sombrios e afastados. Mesmo após a liberdade manteve-se marginal com uma cidadania precária. Nestas condições adversas e num espaço social exíguo e excludente, suas expressões culturais teriam papéis importantes para minimizar ou, ao menos sublimar os obstáculos impostos pela sociedade e sua ordem urbana.

³ Leci Brandão é cantora, compositora, deputada estadual em São Paulo pelo PC do B e sempre esteve ligada ao carnaval das escolas.

2.3 As Escolas de Samba em São Paulo

Em São Paulo, o primeiro folguedo carnavalesco de caráter popular surgiu nas últimas décadas do século passado e se originou das antigas procissões coloniais. No primeiro cordão surgido na Barra Funda em 1914, a atuação das mulheres se limitou, em princípio, a ajudar a organização e montagem do folguedo, não participando do desfile, devido ao temor de uma possível repressão policial a um folguedo organizado por negros.

O primeiro cordão carnavalesco paulistano foi criado por Dionísio Barbosa em 1914 e chamava-se Cordão da Barra Funda (posteriormente Camisa Verde e Branco). A Camisa só passou a incluir mulheres no desfile, em 1921.

No entanto a participação feminina no carnaval paulistano esta intrínseca desde a sua gênese. Olga Simson relata sobre a influência das mães na ligação de seus filhos com o carnaval.

Parece que por não terem podido participar ativamente, na sua juventude dos folguedos de Momo, tendo que funcionar durante muitos anos como público espectador da folia, a maioria das mães dos sambistas foram introdutoras entusiastas de seus filhos no mundo do carnaval. São frequentes, nos relatos colhidos, menções ao fato de que elas levavam as crianças para assistir aos desfiles, confeccionavam fantasias para seus filhos ou se já estivessem engajadas em uma agremiação, faziam questão de que seus filhos participassem, junto com elas, das brincadeiras de Momo (SIMSON, 1992, p.25).

A atuação feminina vem se mostrando também fundamental nas diversas etapas vivenciadas na cidade de São Paulo, inclusive possibilitando a permanência dos antigos folguedos como principal manifestação negra no carnaval paulistano. Isto porque nos anos que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial, a cidade de São Paulo passou por um rápido processo de transformação populacional.

Devido a questões econômicas, por causa do valor dos aluguéis, coube as classes mais pobres, no final da década de 1940 e início dos anos 1950, deixarem os bairros centrais, se deslocando para a periferia, em zonas mais distantes do centro da cidade.

Dessa forma, com este processo de reordenação populacional muitas entidades carnavalescas acabaram desaparecendo, somente as mais antigas e melhor estruturadas foram capazes de sobreviver, graças a presença feminina destas entidades que tiveram um papel fundamental nesse processo de sobrevivência.

As lideranças femininas integrantes desses cordões que passaram a habitar bairros afastados como Jabaquara, Bosque da Saúde, Vila Brasilândia, Taboão, Vila Maria, Vila Guarani, criaram um novo esquema de organização transformando suas residências numa espécie de pequenas filiais da sede da agremiação. As mulheres chegavam a organizar alas inteiras nos novos bairros nos quais haviam passado a residir, realizando suas festas em casa mesmo. Apenas o grande ensaio final era realizado na sede central da agremiação, às vésperas do Carnaval.

Agindo desta forma estas mulheres atuaram como elos de ligação com a sede da agremiação e permitiram a permanência das entidades tradicionais no desfile carnavalesco, “demonstrando uma resistência cultural capaz de superar os entraves criados pela vida num centro urbano em rápida expansão” (SIMSOM, 1992, p.28).

As primeiras escolas de samba de São Paulo surgiram em meados da década de 1930. A “Primeira de São Paulo” é considerada por alguns como a pioneira, mas a primeira escola a se firmar no carnaval paulistano foi a “Lavapés”, fundada em 1937, por Madrinha Eunice e Chico Pinga, no bairro da Liberdade.

No fim de 1967, alguns líderes carnavalescos paulistanos, com apoio do radialista Moraes Sarmiento, conseguiram que o então prefeito paulistano Faria Lima oficializasse o carnaval de São Paulo. O desfile realizado no Vale do Anhangabaú passou a ter arquibancadas e iluminação e o concurso entre os grupos deixaria a partir de então de ser organizado por jornais e estabelecimentos comerciais, passando a ser também responsabilidade do poder público.

Ocorreu então a mudança, de escolas surgidas a partir de um antigo cordão ou reunindo habitantes de uma zona da cidade com predominância de população negra, para escolas que já surgiram com o objetivo claro de competir no desfile oficial. Em alguns casos patrocinadas por empresas ou associações comerciais e geralmente sob uma direção branca.

Liberdade, liberdade!
 Abra as asas sobre nós.
 E que a voz da igualdade
 Seja sempre a nossa voz

**Samba Enredo “Liberdade,
 Liberdade! Abre As Asas
 Sobre Nós”, Imperatriz
 Leopoldinense, 1989**

3. A questão da identidade

3.1 Identidade Negra

A escravidão no Brasil deixou marcas indeléveis no que tange a cultura negra. O pensamento hegemônico costumeiramente a caracteriza de forma folclórica. Mas as manifestações da cultura negra, precisamente após a abolição, têm um caráter de resistência.

O pensador Stuart Hall discorre a respeito das questões de identidade cultural sob a perspectiva da experiência da diáspora caribenha. “Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento” (HALL, 2003, p. 28).

Como parte da natureza de cada indivíduo, mas, na verdade, é um discurso que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos.

A partir do fenômeno da diáspora – que no caso dos negros brasileiros foi forçada – percebe-se também que cada disseminação “carrega a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003, p. 28). Mito familiar entre os povos do Caribe, “tornando-se parte do senso coletivo e do subcontexto de histórias nacionalistas” (HALL, 2003, p. 28).

Mitos e tradições são resignificados e/ou inventados para dar sentido ao contexto que esses povos passam a viver. O mesmo que aconteceu durante a escravidão no Brasil.

Desta forma o retorno às origens e a luta pela recuperação cultural se faz retrabalhando a África na trama caribenha e nesta analogia, também na trama brasileira. Uma proposta de reproduzir a África dentro da narrativa vivenciada.

Um dos exemplos utilizados pelo autor é o movimento rastafari no Caribe, que fez com que os afro-caribenhos retornassem a si mesmos, salvando a segunda geração de migrantes caribenhos nas cidades britânicas nas décadas de 1960 e 1970, dando-lhes orgulho e autoconhecimento.

Como todos esses movimentos, o rastafarismo se representou como um "retorno". Mas aquilo a que ele nos "retornou", foi a nos mesmos. Ao fazê-lo, produziu "a África novamente"— na diáspora. [...] O rastafarismo exerceu um papel crucial no movimento moderno que tornou "negras", pela primeira vez e irremediavelmente, a Jamaica e outras sociedades caribenhas. Numa tradução anterior, essa doutrina e discurso estranhos "salvaram" as jovens almas negras da segunda geração de migrantes caribenhos nas cidades britânicas nos anos 60 e 70 e deu-lhes orgulho e autoconhecimento. Nos termos de Frantz Fanon, eles descolonizaram as mentes (HALL, 2003, p.43).

Adequando esta concepção aos moldes do que representa o carnaval para a cultura negra assimilamos que os batuques, os ritmos e as tradições que envolvem o universo carnavalesco foram e ainda são o que aproxima os negros e negras integrantes das escolas de samba. Inclusive Hall, ainda lançou uma luz sobre este assunto.

Não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p.44).

O paralelo entre os conceitos de Stuart Hall e a história da escravidão no Brasil se deve ao fato da explanação a respeito da identidade. Hall discorre sobre a experiência de diáspora dos afro-caribenhos.

Mas questões como “a família ampliada” e a identificação associativa, são altamente aplicáveis a cultura negra brasileira. Um ponto de identificação é a preservação da oralidade que é uma característica advinda da influência africana, onde a contação de histórias promove a manutenção de tradições.

3.2 Mulher Negra e Identidade

A ligação da mulher negra com o carnaval é uma forma de alterar o conceito estereotipado que muitas vezes se tem sobre ela. Transpor tais preconceitos intrínsecos é uma questão de sobrevivência de uma cultura que se constitui frente ao hegemônico, que até hoje privilegia o enbranquecimento de uma população que atualmente é formada por uma maioria negra.

Sobrepor a ideia do fenótipo e entender, não apenas tolerar, a cultura do outro é dar um passo adiante. Isto se torna difícil quando há um “fechamento” em certos espaços.

Quanto mais as pessoas permanecem num ambiente uniforme – na companhia de outras 'como elas' com as quais podem ter superficialmente uma 'vida social' praticamente sem correrem o risco da incompreensão e sem enfrentarem a perturbadora necessidade de traduzir diferentes universos de significado -, mais é provável que 'desaprendam' a arte de negociar significados compartilhados e um *modus operandi* agradável. Uma vez que esqueceram ou não se preocuparam em adquirir as habilidades para uma vida satisfatória em meio à diferença, não é de esperar que os indivíduos que buscam e praticam a terapia da fuga encarem com horror cada vez maior a perspectiva de se confrontarem cara a cara com estranhos. Estes tendem a parecer mais e mais assustadores à medida que se tornam cada vez mais exóticos, desconhecidos e incompreensíveis, e conforme o diálogo e a interação que poderiam acabar assimilando sua 'alteridade' ao mundo de alguém se desvanecem, ou sequer conseguem ter início. A tendência a um ambiente homogêneo, territorialmente isolado, pode ser deflagrada pela mixofobia. Mas praticar a separação territorial é colete salva-vidas e o abastecedor da mixofobia; e se torna gradualmente seu principal reforço. (...) A 'fusão' exigida pela compreensão mútua só pode resultar da experiência compartilhada. E compartilhar a experiência é inconcebível sem um espaço comum (BAUMAN, 2007, p. 94-97)

A perspectiva de entender o hegemônico como a concepção da realidade, reduzindo a marginalidade o que é diferente deste contexto faz com que estereótipos sejam reforçados e que certas culturas tenham que resistir em campos estratégicos da sociedade.

Desmitificar preconceitos requer o conhecimento da própria gênese da humanidade, visto que toda história é contada a partir de um paradigma étnico “ideal” europeu como uma forma de dominação dos povos, visando a consolidação do sistema vigente. No entanto, a naturalização do diferente como inferior impõe grandes barreiras na luta contra o racismo, a opressão da mulher e intolerâncias correlatas.

Atualmente após tamanha estigmatização e subordinação retomar e reforçar a questão da identidade é uma forma de conquistar espaços e dizer não a um padrão importado e estereotipado.

[...] a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm o direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não tem permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar.

Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam (BAUMAN, 2005, p.44).

Este conceito de buscar uma identidade que por anos foi imposta e não construída automaticamente pelo processo de identificação é uma forma de negar sua posição atual na sociedade, como inferiorizada. Bauman fala daqueles que tiveram negado o direito à escolha da identidade, o que aconteceu no período da escravidão dos negros no Brasil. Resultando numa identidade imposta as mulheres negras, que desde o momento que pisaram em solo brasileiro e foram inclusive desmembradas em diferentes fazendas, viram minado o processo de identificação que apresenta reflexos ainda hoje.

[...] as minorias étnicas e culturais (...) se defendem da opressão, marginalização e desprezo, lutando, assim, pelo reconhecimento de identidades coletivas, seja no contexto de uma cultura majoritária, seja em meio à comunidade dos povos. São (...) movimentos de emancipação cujos objetivos políticos coletivos se definem culturalmente, em primeira linha, ainda que as dependências políticas e desigualdades sociais e econômicas também estejam sempre em jogo. (...) Como esses movimentos de emancipação também visam à superação de uma cisão ilegítima da sociedade, a autocompreensão da cultura majoritária pode não sair ilesa. De sua perspectiva, no entanto, a interpretação modificada das realizações e interesses dos outros não precisa modificar tanto seu papel como a reinterpretação da relação entre os gêneros modificou o papel do homem. (...) Quanto mais profundas forem as diferenças (...) raciais ou étnicas, ou quanto maiores forem os assincronismos histórico-culturais a serem superados, tanto maior será o desafio; e tanto mais ele será doloroso, quanto mais as tendências de autoafirmação assumirem um caráter fundamentalista-delimitador, ora porque ela precise primeiro despertar a consciência em prol da articulação de uma nova identidade nacional, gerada por uma construção através da mobilização de massa (HABERMAS, 1997, p. 246-247).

Através da preservação cultural a mulher negra integrante das escolas de samba atua na busca por uma identidade coletiva como citado por Habermas. Muitas vezes é desta forma que traços culturais são transmitidos no perfil característico da oralidade da cultura negra.

Dentro da sociedade brasileira a questão da mulher negra tende a ser ainda mais marginal se comparada a inserção do homem negro na mesma. Aspectos como o formato das relações inter-raciais e a representação midiática influem diretamente na formação da identidade da mulher negra brasileira, que num processo contínuo de deculturação muitas vezes é pautada pela mídia num processo de desconstrução de sua identidade.

Desta forma o meio carnavalesco seria como um “reduto” para que estas mulheres que se sentem não identificadas com a identidade que lhes é imposta, possam retomar a suas raízes, além de que neste contexto são reverenciadas pelos resquícios da raça negra, tais como: a ginga e a habilidade para a dança, mais especificamente o samba e a ligação com a cultura africana que intervém no carnaval como a ala das baianas, o apreço pelos ensinamentos dos mais velhos, na ala da velha guarda, a tradição da narrativa na história que é retratada nos enredos entre outros.

No período pós-abolição, com o desenvolvimento da economia agrícola de exportação ocorre a expulsão de trabalhadores pardos, brancos pobres, negros velhos e enfermos das fazendas, estes somados aos demais que não queriam mais servir aos antigos senhores, concentraram-se nas entradas das vilas e cidades em condições precárias, o prenúncio do que seriam as favelas. De acordo com pesquisas dos quilombos iniciais a mulher negra foi determinante e fundamental, desde as práticas diárias, como no abastecimento de provisões, confecção de roupas e utensílios, quanto na preservação de valores culturais e religiosos.

Mas mesmo com tamanha representatividade dentro do núcleo familiar e na construção da sociedade brasileira a mulher negra, e também o homem negro, enfrentaram dificuldades de aceitação quando grandes intelectuais brasileiros creditaram ao negro o atraso do país.

A necessidade de se formar uma elite local que conduzisse o país ao desenvolvimento firme e linear, rompendo com o atraso, que era creditado às características étnicas da população, levou todo o projeto republicano de então ao racismo praticado contra o próprio povo brasileiro (OLIVEIRA, 2011, p. 28).

Um período no qual o embranquecimento foi considerado a solução para o povo brasileiro. Uma consequência do processo civilizatório da sociedade brasileira.

O mais sério de tudo isso é o tipo de sociedade que se construiu ao longo dos anos: uma sociedade que exclui sistematicamente parcela significativa da população, isto é, a parcela descendente dos africanos escravizados no período colonial, que, em nenhum momento da história, contou com políticas públicas de inserção no estatuto da cidadania (BRESCIANI, 1993, p. 125).

Mesmo assim, tendo a sociedade o conceito de que o negro e a negra, são inferiores, o carnaval surgiu como um bálsamo para os negros que procuravam entretenimento e queriam resgatar e reforçar a força de suas raízes africanas miscigenadas com a cultura brasileira.

Lata d'água na cabeça
 Lá vai Maria
 Sobre o morro e não se cansa
 Pela mão leva a criança
 Lá vai Maria
 Maria lava roupa lá no alto
 Lutando pelo pão de cada dia
 Sonhando com a vida no asfalto
 Que acaba onde o morro principia

Luís Antonio e J. Júnior, de 1952.

4. Elas por Elas Mesmas

Para entender a participação e identidade da mulher negra atualmente no carnaval, o trabalho empírico deste artigo delimitou-se num primeiro momento pela escolha de uma agremiação tradicional da cidade de São Paulo e na realização de entrevistas não apenas com integrantes da mesma escola de samba, mas sim de distintas e com idades diferentes para identificar as variações de percepções.

As entrevistas se devem a pretensão de chegar a um entendimento sobre a identidade da mulher negra integrante das escolas de samba. Analisando se apenas num “reduto” como este a mulher negra alcança visibilidade. Algo como: de empregada doméstica à rainha de bateria.

A escola de samba Nenê de Vila Matilde foi selecionada por ter sido criada em 1949 por um grupo de amigos da zona leste de São Paulo. Liderados por Alberto Alves da Silva, popularmente chamado de Seu Nenê.

O vanguardismo sempre foi um traço da Nenê, pioneira na implementação de elementos cariocas em seus desfiles. Quando o regulamento do carnaval paulistano foi oficializado forçou as agremiações a adaptarem-se à nova realidade dos concursos carnavalescos, a Nenê de Vila Matilde saiu na frente, pois já possuía elementos como a ala de baianas, mestre-sala e porta-bandeira.

Paula Fernanda, 30 anos, “nasceu” na Nenê de Vila Matilde, por influência da mãe que segundo Paula “já era matildense desde 7 anos de idade” e também foi a responsável pela persuasão junto o pai dela, ao com muita maestria convencê-lo a deixar a escola Camisa Verde e Branco para também se tornar um matildense.

Minha vivência na escola é desde criança, ficava ouvindo as histórias contadas pela a Velha Guarda, Seu Nenê, as baianas e dos mais antigos da escola. Que tinham um enorme orgulho de contar como era feito esse espetáculo chamado carnaval. E com esse amor aflorado comecei a desfilar e a tomar cada vez mais gosto pela cultura e herança dos meus ancestrais (Entrevista concedida por Paula Fernanda em 17 de abril de 2013).

A entrevista com Paula veio ao encontro de dois pontos analisados nos capítulos anteriores deste artigo: a) a influência da mulher na identificação dos filhos com o carnaval; b) a força da ancestralidade e da oralidade na manutenção das tradições e apego a herança africana.

Ao ser questionada se o que atualmente atrai a mulher negra as escolas de samba é o apelo da mídia ou a ancestralidade da cultura negra, Paula respondeu:

A mulher negra ainda é atraída pela sua ancestralidade, sua cultura, sua herança e pelo sangue forte que corre na veia (Entrevista concedida por Paula Fernanda em 17 de abril de 2013).

Devido a sua experiência em vários setores do universo carnavalesco:

Desfilei em inúmeras alas e carros alegóricos... Até chegar à diretoria de harmonia da escola, que trabalha desde os bastidores até a orquestração desse grande espetáculo a céu aberto (Entrevista concedida por Paula Fernanda em 17 de abril de 2013).

Paula acredita que seguindo uma tendência mundial o carnaval também se rendeu a força feminina.

O mundo num todo tem reconhecido a excelência da mulher em posição de comando. Acho fantástico o carnaval também se render a perspicácia do jogo de cintura que a mulher tem. E como comprovadamente tem trazido grandes resultados e inúmeras diferenças nesse grandioso espetáculo. A mulher preza pela minúcia, ela gosta de cuidar com exímia excelência de tudo. O grande resultado foi a campeã do Carnaval de São Paulo⁴ que ganhou pelo detalhe e pela sua sensibilidade (Entrevista concedida por Paula Fernanda em 17 de abril de 2013).

Apesar desta maior participação feminina nas agremiações, inclusive em posições de comando, a mulher negra ainda se vê preterida em algumas agremiações.

⁴ A escola de samba Mocidade Alegre foi a campeã do carnaval 2013. A agremiação é presidida por uma mulher e este foi o segundo título consecutivo da escola sob sua gestão.

Aqui começa a inversão de valores. Sou contra a esse tipo de postura tomada pelas agremiações num todo. É incontestável a beleza de uma prata da casa, bem lapidada dançando a frente da bateria. É um corpo de balé em cima de uma plataforma individual de no mínimo 15 centímetros a nos proporcionar um elegantíssimo, charmoso e sensual bailado (Entrevista concedida por Paula Fernanda em 17 de abril de 2013).

Um dos argumentos das agremiações para este tipo de postura é atrair os holofotes da mídia. Madrinhas e musas famosas têm apelo midiático.

O carnaval de hoje é uma grande negociação comercial com metas e objetivos a serem alcançados a todo o momento. E com isso automaticamente vão excluindo toda a comunidade que é genuinamente de afrodescendentes. Nos dias de hoje não podemos e nem devemos abrir mão do trabalho, estudo, família para ficar integralmente dedicados a escola de samba, sem nenhuma remuneração, só por amor a escola. E com isso a elite foi tomando conta e como é característico de um povo que vive sobre opressão, a comunidade afrodescendente vai sendo retirada em massa e a elite vai ocupando esses lugares sem ter a herança e o amor, mas tendo dinheiro (Entrevista concedida por Paula Fernanda em 17 de abril de 2013).

Na perspectiva de analisar o envolvimento das mulheres comuns da sociedade, que são mães, donas de casa e profissionais entre outras, a entrevista com Karin Darling Martins, 41 anos, buscou entender como apesar das dificuldades cotidianas, a mulher negra integrante de escola de samba tem uma postura diferenciada dentro do espaço do carnaval, muitas vezes sendo reverenciada pela dedicação à escola. Durante o desfile, deixam de ser domésticas, professoras... e tornam-se rainhas. Uma inversão de papéis possível neste mundo da fantasia.

Porta-bandeira da Leandro de Itaquera, Karin é mãe de três filhas e até julho deste ano será avó de uma menina. Aluna do curso de direito, ela diz que conciliar tantas tarefas faz bem.

É maravilhoso conciliar tudo isso. Tem que fazer tudo com muito amor e isto resulta em ter objetivos e saber ir em busca deles (Entrevista concedida por Karin Darling em 22 de abril de 2013).

A Leandro de Itaquera que subiu para o grupo especial no carnaval de 2013 foi fundada em 1982, no bairro de Itaquera. Para tanto Karin teve um papel definidor. Em sua festa de aniversário de 8 anos de idade ela pediu ao pai, Leandro Alves Martins, uma escola de samba de presente.

Eu já desfilava pela Falcão do Morro desde os 4 anos de idade. Quando nossa família parou de desfilar lá, vi que não podia viver sem o carnaval então pedi ao meu pai uma escola que fosse nossa. Assim eu não teria mais que parar de desfilar (Entrevista concedida por Karin Darling em 22 de abril de 2013).

Há 25 anos defendendo com orgulho o pavilhão da escola Karin acredita no resgate cultural através do desfile das escolas de samba.

Não carrego apenas o pavilhão da Leandro de Itaquera, mas sim a bandeira do samba, de resgate da cultura negra e de manter as tradições (Entrevista concedida por Karin Darling em 22 de abril de 2013).

Tradições estas que a porta-bandeira fez questão de transmitir as suas filhas.

A família inteira é do samba! A caçula toca e sai na bateria, a outra é passista e a que está grávida desfilava como passista de ouro. É de geração, para geração (Entrevista concedida por Karin Darling em 22 de abril de 2013).

Ambas entrevistadas não apenas reforçaram os capítulos anteriores como auxiliaram a demonstrar como através da proximidade da mulher negra com as escolas de samba os demais familiares também tornam-se integrantes deste processo e desta forma reforçam este laço cultural, ampliando e reafirmando a importância da tradição e da oralidade que advém como traço marcante e preponderante da cultura africana.

Em versos a mais linda história
 Romances e contos nos fazem sonhar
 E se o vilão é o herói afinal?
 E se o sonho se torna real?
 Você é quem diz...
 Para sempre, quem será feliz.
 Desperta toda magia do artista,
 O futuro do sambista
 Um amanhã de amor e paz!
 O samba é a paixão que nos conduz
 Com força e união, com garra e emoção
 Num mundo sem ponto final
**Samba Enredo “A sedução me
 fez provar, me entregar à tentação...
 Da versão original, qual será o final?”**,
Mocidade Alegre, 2013

5. Considerações Finais

Mergulhar na história da influência negra no carnaval do Brasil, através do viés, do olhar e da participação feminina no desejo de entender de que forma a escola de samba interfere na vida cotidiana destas mulheres e até que ponto contribui para

legitimação e permanência de traços da cultura africana foi além de minhas expectativas iniciais.

Pude observar que além do belo trabalho realizado na avenida durante os desfiles as mulheres negras que se embrenham neste mundo onde a fantasia é o carro chefe, assumem um papel de suma importância. Deixam ser apenas um indivíduo, para tornarem-se integrantes de um grupo com identificação própria e com funções e metas específicas a cumprir.

Mulheres que no dia-a-dia passam despercebidas pelas ruas de uma grande metrópole como São Paulo, mas que durante o desfile no Anhembi estão presentes em posições de destaque organizando os desfiles, sambando e dando o sangue por um ideal, que muitas delas atribuem ser mais que levar para casa o troféu de campeãs daquele ano, mas sim o resgate de uma cultura que apesar dos sobressaltos resiste a imposições, inclusive midiáticas.

Mulheres que através da dança e da música se aproximaram do carnaval. A dança e a musicalidade são uma identidade em comum entre essas integrantes de escola de samba, que desde meninas começam a aprender a dançar, com irmãs mais velhas, com as mães, tias...

Com base nos depoimento da Paula Fernanda pude identificar que a mulher negra ainda sofre discriminação no reduto das escolas de samba, mas resiste e persiste tendo sido imprescindível para a sobrevivência do carnaval na cidade de São Paulo.

Uma crítica dura e perspicaz ao que vem acontecendo nos desfiles, onde as mulheres negras da comunidade cada vez mais perdem espaço para as celebridades midiáticas, em sua maioria brancas e não ligadas ao carnaval por motivações de ancestralidade, mas sim pelo apelo que sair a frente de uma bateria pode ter diante da mídia.

Muito se discute a este respeito, questionando-se quanto a ser esta a apropriação de uma cultura popular. Mas como se definir esta questão? O pensador argentino, radicado no México, Nestor Garcia Canclini, conceitua sobre a cultura popular.

La popular no puede definirse por una serie de rasgos internos o um repertorio de contenidos tradicionales, premassivos, sino por una posición: La que contruyé frente a ló hegemônico. (CANCLINI, 1988, p. 41)

Desta forma, e analisando a história do advento do carnaval do Brasil, podemos considerar os desfiles das escolas de samba como uma manifestação popular. Levando-

se em consideração que a relação com a cultura hegemônica transita entre cooptação, transformismo e ruptura.

Por lo tanto, em la mayor parte de América Latina las prácticas populares son menos de oposición que de participación em el sistema hegemônico. (CANCLINI, 1988, p. 63)

A cultura hegemônica não é um bloco fechado. Representa uma construção histórica complexa que depende da conformação de múltiplos interesses. Da mesma forma a cultura popular também é formada por diversos interesses. Ora de resistência, ora de negociação e até adaptação e sobrevivência.

Traçar um paralelo analisando a desconstrução que o carnaval tem sofrido devido a imposição midiática e o quanto isto tem sido prejudicial para o entendimento da identidade da mulher negra que participa dos desfiles, não é o foco deste artigo, apesar de despertar interesse e estar de certa forma intrínseco quando discutimos o assunto referindo-se a postura atual.

A proposta foi identificar através da expressão corporal, da música e/ou a dança e dos valores, principalmente os familiares, os fatores que consolidam a identidade da mulher negra integrante das agremiações.

Negro Banto, JêJe, Nagô com braço forte
construiu as riquezas do Brasil tem batuque
abre o xirê...axé devoção, Umbanda
e Candomblé vem sambar, festejar,
levanta poeira cultura afro-brasileira
Samba Enredo
“O leão guerreiro mostra sua força!
É a garra e a bravura do negro,
no quilombo Leandro de Itaquera”,
Leandro de Itaquera, 2013

6. Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2007

_____. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2005

BRANDÃO, Leci. Citação extraída artigo “Há vida fora do sambódromo”, do jornal Folha de S. Paulo, do dia 09 de fevereiro de 2013.

BRESCIANI, M. S. *O cidadão da República, positivismo versus liberalismo* (Brasil, 1870-1930). São Paulo. Revista USP, Dossiê Liberalismo, n. 17, p.13-27, abr./maio1993.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Cultura transnacional y culturas populares* (ed. con R. Roncagliolo), , Lima, Ipal, 1988

FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2004

HABERMAS, Jürgen. *A Inclusão do Outro – estudos de teoria política*. (Die Einbeziehung des Anderen – Studien zur politischen Theorie). Trad. George Sperber, Milton Camargo Mota e Paulo Astor Soethe. São Paulo. Loyola, 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2003

JESUS, Edson Roberto de. *Bamo Sambá*. Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 40, fev. 2010

OLIVEIRA, Dennis, (in) BATISTA, Leandro Leonardo e LEITE, Francisco (organizadores). *O Negro nos Espaços Publicitários Brasileiros: Perfectivas Contemporâneas em Diálogo*. São Paulo, 2011

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Carnaval em branco e negro, carnaval popular paulistano: 1914-1988*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

_____ *Mulher e carnaval: mito e realidade*, R. Histórico. São Paulo, n. 125-126, p. 7-32, ago-dez/91 a jan-jul92.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro. Codecri, 1979